

Preto Velho e Chico Xavier em exposição: Referências midiáticas e marginais nos museus espíritas¹

João DAMASIO²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

A partir do interesse no processo de midiatização do espiritismo para a pesquisa doutoral em fase inicial, elejo neste artigo dois observáveis ligados à prática da exposição nos museus espíritas: imagens especificamente construídas do Preto Velho e de Chico Xavier. Esta religião apresenta peculiaridades comunicacionais e, portanto, em seu processo de midiatização. A princípio identifico o museu como um macro dispositivo interacional no qual o espiritismo inscreve-se em forma de cultura híbrida, promovendo o problema das referências que aciona para ser apresentado à sociedade em geral. Com esta sondagem, chego a três entradas principais para o andamento da pesquisa: as referências da mídia dentro do museu, as estratégias das instituições espíritas na cultura da imagem e o processo próprio de musealização da memória espírita.

PALAVRAS-CHAVE: museu espírita; midiatização da religião; hibridismo.

1. INTRODUÇÃO

A exposição talvez seja um problema central no estudo da midiatização do espiritismo. Os espíritas, desde que foram assim agrupados a partir de Allan Kardec no século XIX, negam a ritualidade, a imagem e a materialidade, em favor do valor teológico do mundo espiritual, do qual tudo o que é matéria seria uma cópia imperfeita. A despeito de uma linearidade histórica deste movimento social da França ao Brasil, sua tematização em produtos midiáticos audiovisuais, por meio de reportagens, novelas e filmes, dispõe uma diversidade considerável de representações que disputam a imagem do espiritismo.

Uma disputa simbólica entre campos e tipos de conhecimento já é clássica no espiritismo: sua tripla autoreferencialidade como religião, ciência e filosofia, tendo como objeto de estudo o “mundo invisível” (KARDEC, 2003). Não se estabelecendo como religião cristã entre os demais cristãos, nem como ciência entre os demais cientistas, nem como filosofia na história filosófica, o espiritismo francês fruiu entre a homeopatia, o

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências da Comunicação (Unisinos), mestre em Comunicação (UFG) e graduado em Jornalismo (Faculdade Araguaia), e-mail: joadamasio16@gmail.com

mesmerismo, e o magnetismo na França (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009) e se expandiu no Brasil no espaço bordejado por outras referências, como o catolicismo, as religiões de matrizes africanas – num contato tão intenso que gerou a Umbanda na década de 1920, como uma nova religião, tipicamente brasileira –, as simbologias orientais, os mercados editoriais de romance e autoajuda, as terapias integrativas etc. Tudo isso compõe um repertório de referências na disputa simbólica do espiritismo, pois tendem a definir em diversos contextos e imaginários o que é e quais são as práticas espíritas, configurando provavelmente um contexto de hibridismo religioso.

Tendo em vista a) o dilema das imagens e das materialidades no espiritismo e b) sua disputa simbólica configurada no hibridismo religioso, a proposta de pesquisa que tenho formulado a princípio problematiza os museus espíritas, espaço em que necessariamente os espíritas lidam com a exposição e constituem suas referências.

O museu, na perspectiva de Verón (1991, p. 34), é uma mídia ou meio de comunicação por ser um “suporte de sentidos”, considerando que “a exposição se constitui como uma *rede de referências* no espaço, temporalizadas pelo corpo significante dos sujeitos, enquanto se apropriam”³. Em nossa problemática, o museu também se apresenta como um macro dispositivo interacional (BRAGA, 2018) no qual uma “rede de referências” em comum é posta para a circulação. Considero produtivo o lugar do museu espírita como um dispositivo que apresenta ao mesmo tempo valor de culto (templo religioso) e valor de cultura (constituído da memória). Entre as referências de culto e de cultura vigoram fontes tradicionais, midiáticas, marginais etc. Quando lidam com a exposição, como os museus espíritas configuram referências midiáticas e marginais? De que modo os diferentes referentes identificáveis circulam?

Há dois museus espíritas registrados pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) no país: o Museu Nacional do Espiritismo (Munespi), em Curitiba-PR; e o Museu Espírita de São Paulo-SP. Este último encontra-se em reforma, atualmente. Por meio de minha pesquisa de mestrado e por sondagem inicial na internet, notei a existência de dois projetos de museus espíritas que chamam a atenção pelos ideais de digitalização de originais de Kardec (Centro de Cultura e Obras Raras, em São Paulo-SP) e de fluxo turístico sobre um antigo sanatório de uma “cidade espírita” (Museu Histórico de

³ Destaque nosso. Tradução livre de: “l’exposition se constitue comme un réseau de renvois dans l’espace, temporalisé par le corps signifiant du sujet, lors de l’appropriation” (VERÓN, 1991, p. 34).

Palmelo-GO). Excetuando o último projeto mencionado, não conheço pessoalmente estes museus, o que já integra o cronograma de trabalho em breve para exploração.

Para este artigo, selecionei dois observáveis disponíveis e que indicaram os problemas aqui levantados. O primeiro é a foto de uma estátua de Chico Xavier em uma exposição em sua homenagem na Federação Espírita Brasileira (FEB), publicada no grupo de Facebook “Espiritismo Com Kardec” (ECK) gerando um interessante contexto de debate. O segundo é o cartaz de uma exposição sobre cultura afro-brasileira, promovida pelo Munespi durante a 7ª Primavera dos Museus. Por meio da análise de conteúdo e da descrição do modo como estes observáveis contemplam uma circulação a partir de gramáticas de recepção (primeiro caso) e de produção (segundo caso), procuro destacar lógicas específicas que percebo na exposição espírita, a de um certo Preto Velho e a de um específico Chico Xavier.

2. BREVE DISCUSSÃO SOBRE ESPIRITISMO E MUSEU NA COMUNICAÇÃO

2.1. Sobre o espiritismo e o hibridismo cultural/religioso

Da gênese do espiritismo na segunda metade do século XIX na França até sua atualidade destacada no Brasil passaram-se aproximadamente 160 anos. É possível sintetizar uma história coerente à doutrina codificada por Allan Kardec e defini-la, a partir de sua obra fundante⁴, como uma “filosofia espiritualista” que “tem por princípio as relações do mundo material com os espíritos ou seres do mundo invisível” (KARDEC, 2003).

Apesar desta possibilidade, que permite inclusive delimitar o foco deste estudo, é relevante perceber a não-linearidade da história nos traços que, definindo o que é o espiritismo, revelam uma disputa simbólica em torno de um macroprocesso social que pode ser entendido como hibridismo cultural e religioso. O estudo sobre esta temática justifica-se, sobretudo, pela afirmação dos valores da diversidade cultural e religiosa, na perspectiva do diálogo inter-religioso e do respeito às diferentes inter e entre denominações.

Isto significa perceber no espiritismo não apenas alguma dentre suas já diversas e conflitantes definições discursivas clássicas (religião, ciência, filosofia etc.), mas também

⁴ *Le livre des sprits*, com primeira versão publicada em 1857.

reconhecer as fronteiras com que lida entre e em cada um destes campos com os quais confronta para afirmar institucional ou individualmente uma identidade espírita.

Na religião, são conhecidos os contatos com o catolicismo, as religiões de matriz africana⁵ e algumas simbologias e crenças orientais. Em outros aspectos culturais, são notáveis as relações com a medicina e a psicologia, nas práticas da homeopatia e do magnetismo no século XIX e atualmente nas práticas da constelação familiar, de terapias integrativas, do mercado editorial de autoajuda e das referências audiovisuais de novelas e filmes baseados na literatura espírita, dentre outros.

Independente dos atravessamentos identitários, há reconhecidas marcas do espiritismo, da França ao Brasil, que lhe dão forma cultural. Um destes aspectos é a negação de dogmas e ritos em prol do discurso de uma fé raciocinada e, conseqüentemente, a negação de imagens que se tornem símbolos de culto. Histórica e culturalmente, o espiritismo não se ocupa prioritariamente com imagens, templos, personalidades e mesmo com o patrimônio, tomada de posição justificada pela prevalência do espiritual como universal diante do mundo material.

2.2. Sobre o problema das referências nos museus espíritas

Neste sentido, a existência de museus espíritas, apesar de não ser estranha a Kardec, lida com o dilema da exposição. A despeito de qualquer negação de culto, um valor cultural emerge.

Os museus necessariamente atribuem valor simbólico e patrimonial à temática e ao meio no qual se insere. Abreu (2013, p. 42) explica que “os museus, enquanto espaços de conservação e exposição, devem ser vistos como lugares de memória, guardiões de identidades coletivas e individuais”. Mas, além desta dimensão, presente desde a museologia tradicional, a nova museologia, desde os anos 1970, considera os museus como instituições de comunicação. Em sua tese, Abreu (2013, p. I) defende essencialmente que:

À criação de um “museu” está implícito um propósito de comunicação. O “museu” é, por definição, uma instituição aberta ao público, que expõe e comunica sobre testemunhos do Homem e do seu meio ambiente, ou seja, em todo o processo museológico, desde a aquisição, ao estudo, à interpretação e à exposição, estará presente uma intenção de comunicação. Neste sentido, nos

⁵ Este contato de hibridismo entre dois sistemas religiosos diferentes foi tão intenso que, nos anos 1920, deu origem a uma religiosidade tipicamente brasileira identificada na Umbanda.

museus a comunicação não poderá ser entendida como uma questão lateral, mas sim como um fator nuclear da atividade museológica, sem a qual dificilmente um “museu” se poderá constituir como tal. Se a esta necessidade de interação com os públicos associarmos o caráter excepcional dos museus, enquanto fixadores de memória e identidade, acresce um outro desafio, que será o de garantir uma comunicação coerente dos valores identitários aí contidos.

Se a atualidade da discussão e afirmação política sobre a diversidade justifica a escolha temática do macroprocesso social do hibridismo cultural e religioso nesta proposta de pesquisa, a coerência comunicativa da musealidade justifica também a escolha do objeto: as práticas museais têm se rearranjado pelo processo de midiatização ao mesmo tempo em que ela própria pode ser reconhecida como um aspecto de midiatização, na perspectiva de Verón, à medida em que, enquanto suporte material, transforma os suportes de sentido. Entender esta relação no escopo do hibridismo religioso espírita permite ampliar suas formas de reconhecimento.

A noção de ‘mídia’ designa um suporte de sentidos, um lugar de produção (e, portanto, de manifestação) de sentidos. Em termos de funcionamento social, é claro, estes suportes são sempre o resultado de dispositivos tecnológicos materializados nos suportes de sentidos socialmente disponíveis, acessíveis à utilização em um dado momento (VERÓN, 1991, p. 28, tradução livre⁶).

Para Verón (1991, p. 34, tradução livre⁷, destaque meu), o museu “é um meio de comunicação de massa cuja ordem dominante, que define sua estrutura básica, é metonímica: a exposição se constitui como uma *rede de referências* no espaço, temporalizadas pelo corpo significante dos sujeitos, enquanto se apropriam”.

A noção de midiatização, em Verón, é histórica e epistemologicamente ampla, mas preocupa-se com a especificidade da semiose em cada meio. Os museus seriam caracterizados pela ordem metonímica, que corresponde diretamente ao caráter indicial em Peirce. Deste modo, compreende que os museus espíritas são uma “rede de referências”, compreendida em sua circulação própria.

⁶ “La notion de ‘média’ désigne un support de sens, un lieu de production (et donc de manifestation) du sens. Sur le plan du fonctionnement social, bien entendu, ces supports sont toujours le résultat de dispositifs technologiques matérialisés dans des supports de sens socialement disponibles, accessibles à l’utilisation à un moment donné” (VERÓN, 1991, p. 28).

⁷ “C’est un mass-média dont l’ordre dominant, celui qui définit sa structure de base, est l’ordre métonymique: l’exposition se constitue comme un réseau de renvois dans l’espace, temporalisé par le corps signifiant du sujet, lors de l’appropriation” (VERÓN, 1991, p. 34).

O que proponho para esta pesquisa doutoral é cartografar esta rede de referências em sua circulação própria, a partir das lógicas internas (BRAGA, 2008) dos museus espíritas.

Espero especificar a questão de pesquisa à medida em que ocorre a aproximação empírica, mas neste primeiro momento é possível esboçar pré-categorias de abordagem⁸ sobre a possível presença, nestes museus, de “referências” tradicionais (como o kardecismo europeu do século XIX), referências midiáticas (como as personalidades de palestrantes espíritas, a categoria editorial da autoajuda e as construções audiovisuais com temas como “alma gêmea”, “Nosso Lar, cidade espiritual”) e referências marginais (como a Umbanda, as religiões de matriz africana, a pajelança e outros apartamentos do movimento espírita hegemônico).

Apresento, por fim, uma breve contrajustificativa acerca de busca por referências em outros processos midiáticos talvez mais explícitos ou presentes socialmente. Se outras mídias poderiam alcançar maior público ou serem mais presentes na cultura espírita popular e talvez até mesmo os templos ou casas espíritas pudessem ser locus para nossa questão de pesquisa, o museu foi escolhido a princípio por integrar uma perspectiva interacional mais voltada aos índices, tornando-se capaz de expor os sentidos da diversidade e da referencialidade. Diferente de quaisquer outros meios religiosos, o museu não se restringe como local de culto, mas abre-se ao caráter histórico e cultural que lhe contém. Afastando-se da noção de repositório de objetos, o museu performa integrando referentes de diversas fontes, como as apresentadas acima.

3. REDE DE REFERÊNCIAS

O olhar que direciono à rede de referências na musealidade espírita busca apreender possíveis circuitos – dentre eles o midiático – configuradores do hibridismo.

No hibridismo, onde convivem diferentes e até contraditórias versões de cultura (CANCLINI, 1997), o objetivo não é visualizar uma resposta, mas um contexto produtivo para questionar os observáveis que se seguem sobre referências midiáticas e marginais na disputa simbólica, travada na midiaticização ou musealização do espiritismo (exposição).

⁸ Me refiro, aos moldes da análise cultural, à diferenciação entre categorias de abordagem e categorias de análise (COIRO-MORAES, 2016). Considero, acordando com Braga (2008, p. 85), que estas primeiras inferências podem ser importantes para delimitar o “interesse da pesquisa” e não as “lógicas específicas do caso singular”.

3.1. Uma possível referência midiática

No dia 25 de abril de 2018, o administrador do grupo de Facebook “Espiritismo com Kardec” – que tem aproximadamente cinco mil membros – postou uma fotografia (Figura 1) com a imagem de uma estátua de Chico Xavier em uma exposição sobre o médium na Federação Espírita Brasileira (FEB). A postagem era uma reclamação sobre a exposição que fornecia para apreciação “não a trajetória do médium, sua obra, sua personalidade, mas a homenagem e, em especial, a ‘estátua’”. O assunto rendeu 42 comentários principais e mais 87 respostas a alguns dos comentários, constituindo material para análise de conteúdo a seguir.

Figura 1 - Reprodução da postagem que repercutiu, no Facebook, a imagem da escultura de Chico Xavier em exposição na Federação Espírita Brasileira



Fonte: Grupo fechado Espiritismo Com Kardec, no Facebook⁹

⁹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/Espiritismo.COM.Kardec/>>. Acessado em 03 jun. 2018.

Os comentários analisados a seguir foram retirados do referido grupo fechado de Facebook e são considerados dados qualitativos. Por isso, os autores dos comentários serão tratados como “Participantes” do grupo, citados anonimamente a partir das letras iniciais de seus nomes. Destaquei os assuntos levantados em quatro principais tópicos:

a) Restrições à imagem da estátua

Grande parte dos comentários reiterou restrições à imagem e à personalidade, por indicarem veneração imprópria à teologia espírita, coisa de quem é “pouco evoluído”. “Não tem problema nenhum a estátua, desde que não se faça veneração do médium ou da imagem” (Participante JF); “a ereção de estátuas, de imagens (iconografia) reflete o estado interior de cada criatura e a veneração está sempre vinculada a este estado. Não adianta a pessoa justificar que é apenas uma representação, ela adora” (Participante SB).

Alguns espíritas comentaram que a estátua é feia e não se assemelha ao Chico. “Mas esta estátua não tem nada de semelhante” (Participante JM); “Não sei se é ‘pecado’ o que vou falar, mas essa estátua é feia. Pobre Chico” (Participante SS); “Chico Xavier nunca primou pela beleza física (sempre pela moral), mas essa estátua é podre...” (Participante KP); “Tá parecendo àqueles figuristas idosos do SBT...” (Participante GM).

Na seguinte sequência de comentários, destacou-se uma crítica ao caráter comercial de venda da imagem de Chico Xavier pela FEB.

- “Em breve a federação estará lançando Boinas e óculos com a marca CX. em uma loja mais perto de você. aguarde!!” (Participante RQ);
- “quero um boné” (Participante GG);
- “Os novos vendilhões...?” (Participante MMP);
- “Acho a peruca estilosa! 😊” (Participante RA).

b) Ponderações positivas sobre a estátua

Em resposta a um comentário sobre o receio de que a imagem de Chico Xavier seja venerada pelos espíritas, a Participante RA postou uma foto turística que tirou com outra estátua. “Eu e Estátua de Dorival Caymmi, não sou fã, mas curto algumas músicas. Acho bacana eternizar personalidades em estátuas. Pra mim é um reconhecimento histórico e artístico. 😊😊😊”.

O Participante JG justificou a importância da estátua de Chico: “Vamos lembrar que, em 2012, Chico foi vencedor entre os 100 maiores nomes da História Brasileira”.

c) Questionamentos sobre Chico Xavier e a instituição expositora

Houve ocasiões em que a postagem motivou comentários críticos a Chico Xavier e à FEB. “Não tenho dúvidas de que ele é um maiores exemplos de caridade espírita do mundo, e lamento que um homem de tanta influência tenha ignorado ou não tenha estudado a codificação, pois o Brasil Espírita seria outro, se ele assim o tivesse feito” (Participante DU); “Caberia a pergunta: - quantos totens há no movimento espírita brasileiro atual?” (Participante MH).

O comentário da Participante CB ajuizou o valor da FEB como “igrejeira” por valorizar objetos de culto, como a estátua. “Estátua na FEB? Quem considera a federação representante do espiritismo, a estátua está no lugar errado. Quem considera a federação representante do movimento igrejeiro onde não se pode evocar, onde existe mundo espírita totalmente material ela está no local corretíssimo, justa homenagem”.

d) Debate sobre museu espírita

Ainda que esta exposição não estivesse em um museu espírita na ocasião retratada, houve comentários, como o da Participante KP que elaborou o que entendo como separação de culto e de cultura. Para ela, a imagem não pode ser venerada no ambiente religioso, mas poderia estar no museu. “Se fosse num museu não veria problema. Mas numa federação ou centro vejo perigo. Vi alguns anos atrás um busto de Kardec na própria FEB ser utilizado como um ‘santo’ pessoas passavam a mão e faziam prece, algumas ajoelhadas. E eram algumas dessas pessoas, ‘trabalhadores da casa’. Imaginem o que farão com CX!?” (Participante KP).

Outro Participante esboçou a mesma noção de outra forma, desejoso de que a idolatria ocorra pela história, mas não como culto pelos espíritas. “Deixemos que os não Espíritas façam isso. Não o façamos. Deixemos que a história o faça. Penso ser totalmente desnecessário essas imagens, estátuas, esculturas” (Participante RG).

O Participante MH, que foi também o autor da postagem em questão e é um dos atores sociais envolvidos no projeto de um novo museu em São Paulo, mencionado acima, opinou que nem mesmo o museu espírita precisaria de uma imagem como esta de Chico. “Um museu não precisaria ter um boneco muito mal feito para ‘Ilustrar’ aquilo que uma simples foto, em preto e branco, linda, demonstraria: a condição do maior médium psicógrafo brasileiro de todos os tempos. Você não acha?” (Participante MH).

--

A imagem de Chico Xavier representada de modo dessemelhante à imagem espírita, mas parecida com figurantes do SBT; bem como sua relevância motivada pela homenagem da rede televisiva como o “maior brasileiro de todos os tempos”, permitem sondar que este Chico Xavier, também muito similar ao modo como foi interpretado em filmes recentes, é antes uma representação com referências midiáticas na exposição – sendo promovida por algumas instituições e rechaçadas por outras no movimento espírita brasileiro.

3.2. Uma possível referência marginal

Um dos museus que constituem *locus* da atual modelagem da pesquisa – sendo o único em atividade no momento, para o qual tenho viagem programada – é o Museu Nacional do Espiritismo (Munespi), fundado pela Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE) em 1965 e localizado na Vila Tingui, em Curitiba (PR). A instituição foi criada pelo médium e museólogo Maury Rodrigues da Cruz, que recebe o espírito de Leocárdio José Correia, que dá nome à uma outra instituição acadêmica vinculada, a Faculdade Leocárdio José Correia (Falec). A exposição fixa deste museu contém um acervo com objetos de personalidades espíritas, documentos, fotografias, produtos mediúnicos do grupo espírita ao qual pertence, monografias, acervo audiovisual e obras de arte. No espaço, ocorrem também exposições diversas, funcionando como galeria de arte.

É nesta galeria de arte que o Munespi expôs, entre 23 de setembro e 16 de outubro de 2013, obras psicopictografadas¹⁰ com o tema “Cultura afro brasileira”. Este tema foi proposto nacionalmente para os museus inscritos na 7ª Primavera dos Museus, promovida pelo Ibram.

Apesar da separação entre o acervo espírita e as exposições de arte em geral, muitas vezes são as obras espíritas que vêm à exposição artística e, mesmo quando não vem, podemos reparar em um vídeo¹¹ de ator social que uma exposição sobre o elemento água, a princípio desvinculado do acervo espírita, foi relacionado à crença espírita na água como possibilidade de cura a partir da manipulação do fluído cósmico universal.

¹⁰ Ou pinturas mediúnicas. Pinturas feitas por médiuns que se dizem incorporados por espíritos de pintores, reproduzindo seu estilo normalmente em obras com fins estéticos e terapêuticos.

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pp7DccP2o0o/>>. Acessado em: 02 jul. 2018.

Figura 2 - Cartaz da exposição do Munespi sobre cultura afrobrasileira, em 2013



Fonte: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE)¹²

Por isso, uma exposição sobre cultura afro brasileira no museu espírita não deixa de trazer ao primeiro plano a percepção das relações com religiões de matrizes africanas. Ainda que não seja um retrato tradicional, a imagem do cartaz, vinculando cultura afro brasileira e espiritismo remete o olhar à memória popular sobre o Preto Velho.

Neste observável, pode-se notar, além das informações básicas de data e endereço, a chamada com a imagem referida, contendo uma programação que provoca curiosidade acerca de ritualidades e produtos espíritas, como a psicopictografia e uma citação de Ir. Antonio Grimm, considerado mentor espiritual da SBEE, remetendo a uma fala de autoridade de filólogo¹³.

¹² Disponível em: < <http://sbeeimprensa.blogspot.com/2013/09/munespi-exposicao-museus-memoria-e.html>>. Acessado em 10 abr. 2018.

¹³ Antonio Grimm seria o espírito desencarnado de Jakob Grimm (1785-1863), filólogo, jurista e folclorista alemão. Fonte: <https://www.sbee.org.br/antonio-grimm/sbee/orientadores/antonio-grimm>. Acessado em: 04 jul. 2018.

4. ATRAVESSAMENTOS: O PROBLEMA DA REFERENCIALIDADE DA EXPOSIÇÃO NOS MUSEUS ESPÍRITAS

Neste trabalho, propus a análise de dois observáveis que considero indiciais para desvelar algo da lógica interna de mediação do espiritismo. A estratégia foi abordar a exposição a partir do problema da imagem no espiritismo a fim de perceber como se configuram as referências em disputa. Não se trata apenas de identificar possíveis fontes do imaginário espírita atual, mas de entender a lógica do hibridismo religioso (convívio de elementos diversos e contraditórios) no caso espírita.

Com a identificação de possíveis referências midiática (um Chico Xavier moldado pelo olhar da mídia) e marginal (um Preto Velho psicopictografado e tratado como cultura, mas não como parte do culto espírita) na exposição espírita, me ocorre de questionar não apenas pelas referências, mas pelos circuitos referidos nos museus espíritas e até que ponto eles se atravessam. Ou seja, como se articulam circuitos em uma realidade híbrida como a da religiosidade espírita? Como Preto Velho e Chico Xavier podem conviver? São vistos pelos mesmos olhares? Se veem? Que imaginários são acionados “pelo corpo significativo dos sujeitos, enquanto se apropriam”, conforme a perspectiva de Verón?

No debate entre espíritas, pela gramática da recepção, analisada aqui a partir da postagem analisada em um grupo de Facebook, ficou evidente o problema que estes travam com a exposição, mais ou menos pacificamente, diante da preocupação da afirmação de uma identidade espírita, o que também ocorre quando gramáticas de produção do museu espírita articula referentes para suas exposições.

À pesquisa que nos propomos, no âmbito comunicacional e na linha de pesquisa sobre mediação e processos sociais, acredito que interessa o modo como as referências na constituição desta identidade são acionadas por atores sociais espíritas ou não, por instituições espíritas e por instituições midiáticas, tendo como *locus*, a princípio, o museu espírita e os circuitos referentes à problemática do hibridismo religioso neste macro dispositivo interacional.

Assim, objetivamente percebemos adiante três entradas principais: as referências da mídia dentro do museu, as estratégias das instituições espíritas na cultura da imagem e o processo próprio de musealização da memória espírita.

REFERÊNCIAS

ABREU, João P. C. G. de. **Museus**: identidade e comunicação, instrumentos e contextos de comunicação na museologia portuguesa. Lisboa: ISCTE/IUL, 2013.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: nascimento, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a Comunicação. In: **Anais do XXVII Encontro Anual da Compós**. Belo Horizonte, MG: Compós/PUC-MG, 2018.

_____. Comunicação, disciplina indiciária. In: **MATRIZES**, n. 2, abril, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas y estrategias comunicacionales**: estudios sobre las culturas contemporáneas. vol III. n.5, jun. 1997.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. **A análise cultural**: um método de procedimentos em pesquisas. In: *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*. Vol. 4, n.7, jan./jun. 2016. p. 28-36.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Trad. Guillon Ribeiro. 84.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

VERÓN, Eliseo; LEVASSEUR, Martine. **Ethnographie de l'exposition**: l'espace, le corps et le sens. 2. ed. Paris: Centre Georges Pompidou, 1991.